

Literatura para a infância e a juventude entre culturas

José António Gomes*

RESUMO

Neste ensaio, o autor debate a questão candente do multiculturalismo nas sociedades contemporâneas, contextualizando o fenómeno tanto do ponto de vista histórico como literário. A análise centra-se no universo do livro para a infância, caracterizando as diferentes publicações que se ocupam, em registos distintos e com objectivos igualmente diversos, desta questão, passando em revista os livros informativos, as traduções, os livros bilingues e algumas das obras mais marcantes sobre a diversidade e a multiculturalidade de autores portugueses. Pelo número de exemplos apresentados, merece referência a obra de Luísa Ducla Soares, mas a leitura do autor estende-se a muitos outros nomes relevantes do panorama literário português para a infância e juventude.

«Uma portuguesa, branca, disse então que não sentia, nos círculos onde se movia, nenhum racismo. Explicou que era professora e, na escola onde estava, nas outras em que tinha estado, nunca tinha sentido qualquer discriminação em relação aos alunos africanos. Brancos, negros ou mulatos, os estudantes entendiam-se sem qualquer problema – e, para os professores, os alunos não tinham cor.

Lembrei-me então de duas meninas cabo-verdianas de Pedreira dos Húngaros que, também elas, me tinham dito que, na escola onde uma estava e a outra estivera até pouco tempo atrás, não sentiam que houvesse qualquer discriminação. Disseram isto e quedaram-se a pensar. E depois uma delas disse: “Mas nós jogamos andebol. E há uma equipa que, sempre que joga contra nós, se ganha, está tudo bem. Mas, sempre que perde, chama-nos pretas – e eu não acho que seja por sermos pretas que ganhamos. É só porque jogamos melhor do que elas!»

Diana Andringa, «Achas que tenho cara de judia?»,
Público, 28/5/1994

Na Mesquita de Córdoba

*Recolheu ao seu berço, perseguido
Por um outro colega intolerante,
Alá, deus das Arábias ressequidas.
Cansado das securas do deserto,
Veio ver como era a Andaluzia;
E gostou deste chão de riso aberto
Onde o seu coração reverdecia.*

*Mas, corrido a orações e virotões,
Num minguante de moiras ilusões,
Lá se foi novamente às suas dunas
Caíar de branco a fé das açoteias.
E o seu palmar divino arquitectado,
Que aqui plantou, ondula mutilado,
Com saudades do dono e das areias.*

Miguel Torga (1951), *Antologia Poética*.
Coimbra: 1981, p. 296

*NELA – Núcleo de Estudos Literários e Artísticos da Escola Superior de Educação do Porto

1. O livro infantil nas sociedades multiculturais

O fluxo de pessoas que, por motivos vários, quase sempre dramáticos, se transferem dos seus lugares de origem para outros países ou regiões é uma realidade desde o início dos tempos. As expansões territoriais de tipo imperialista são um fenómeno quase tão velho como o mundo; iniciadas muito antes do nascimento de Cristo, prolongam-se até aos nossos dias. Entre os séculos XVII e XIX, milhões de africanos foram transportados das suas terras de origem para as plantações do Novo Mundo. Ao longo da História da humanidade, incontáveis são as situações em que refugiados por razões políticas, religiosas ou económicas se vêem coagidos a procurar asilo noutros países que não os seus. As lutas étnicas dos séculos XX e XXI, por exemplo, são responsáveis por milhões de refugiados. De vários modos, em suma, muitos países do mundo se foram tornando multirraciais, multiétnicos e multiculturais. Os actuais emigrantes não enfrentam apenas problemas de sobrevivência física em novos ambientes; experimentam também dificuldades de ajustamento emocional a uma nova situação e às inter-relações sociais que a caracterizam (v. Segun, 1992: 101).

Na Europa, as sociedades do nosso tempo são, cada vez mais, sociedades multiculturais. As palavras «multicultural» e «interculturalismo» entraram, há muito, no vocabulário pedagógico, soam bem e tornam-se pretextos para belos discursos, sem, contudo, conseguirem ocultar o seu «carácter occidentalocêntrico». No entanto, daí a sabermos o que estes termos verdadeiramente recobrem¹, no quotidiano das nossas sociedades, vai uma grande distância. Suzanne Bukiet (1991: 3) escreve:

«Se é “multicultural” tudo o que favorece um diálogo verdadeiro com o outro, com o estrangeiro, aquele que fala uma outra língua, que tem porventura uma outra escrita, uma outra religião, outras referências distintas das nossas, então direi que partimos mal, que a nossa época apressada e superficial não é multicultural e que se encontra, além disso, ameaçada por dois perigos mortais e contraditórios na Europa de hoje: Testemunhamos, por um lado, a eclosão inquietante de nacionalismos e fundamentalismos cegos. Ao mesmo tempo, assistimos ao avanço insidioso e vertiginoso de uma uniformização redutora, sob a hegemonia de uma cultura e de uma língua dominantes. A pouco e pouco, a insubstituível diversidade das línguas e das culturas corre o risco de nelas se diluir. É pequena a distância que vai do homem (...) barricado nos seus particularismos ao homem “unidimensional”.»

No Ocidente, afirma ainda a mesma autora, estamos particularmente desarmados face a esta ameaça, já que, com os nossos *media*, o nosso nível de escolarização, as nossas universidades, vivemos na ilusão de saber desmontar e compreender as outras culturas. A verdade, porém, é que não sentimos uma curiosidade real e uma vontade autêntica de

¹ Para uma definição e problematização destes conceitos e para um aprofundamento de noções e questões básicas referentes ao contacto de culturas (aculturação, grupos étnicos e minorias, preconceito, discriminação, estereótipos, xenofobia, racismo e outros), ver Ferreira (2003).

Sugere-se também a leitura de um artigo de Adalberto Dias de Carvalho (2007: 5), no qual é possível encontrar uma «crítica da interculturalidade enquanto lugar-comum». Este é um dos autores que alertam também para o «carácter occidentalocêntrico» da noção de interculturalidade.

conhecer os outros. Se pensarmos bem, interessa-nos menos o conhecimento do que o espetáculo – e este nada mais é que «a espuma das coisas» (Bukiet, 1991: 3-4).

Seguindo de perto um texto publicado por Mabel Segun em 1992, recorde-se que as sociedades multiculturais são complexas por natureza. As crianças que crescem no seu seio são apanhadas no meio de duas culturas. Por vezes, os resultados são desastrosos, como no caso de crianças adoptadas em Inglaterra que rejeitam os seus pais negros, a sua identidade africana e, em casos extremos, se suicidam (Biggs, 1978, cit. por Segun, 1992). São conhecidas situações de filhos de afro-americanos tratados durante muito tempo como cidadãos de segunda que perderam a sua auto-estima. A incompreensão das culturas de outros povos origina, com frequência, graves clivagens entre crianças de diferentes grupos étnicos. A infância necessita, assim, de estar preparada para viver em sociedades multiculturais; mas deverá começar a ler, demasiado cedo, livros sobre a vida neste tipo de sociedades?

A investigação tem mostrado que a criança nasce desprovida de preconceitos de natureza racial. A partir dos dois anos e meio-três anos, o ambiente familiar, a educação – por vezes os manuais escolares –, a televisão, o cinema e mesmo alguns livros para crianças são responsáveis pela criação de preconceitos. Na literatura portuguesa dada aos mais novos, não é difícil encontrar textos que veiculam, de modo mais ou menos evidente, visões preconceituosas e de natureza racista, mesmo que mascaradas de um paternalismo só na aparência não-racista. Textos cuja compreensão reclama o devido enquadramento epocal e uma leitura que não pode ignorar a ideologia dominante em determinado período histórico. Um punhado de exemplos colhidos ao acaso, alguns deles porventura surpreendentes: certas obras de Ana de Castro Osório² (pese embora o seu progressismo republicano e feminista), de Virgínia de Castro e Almeida e de Fernanda de Castro (cujas ligações ao Estado Novo são conhecidas), o livro *Joanito Africanista* (1ª ed. 1932; 2ª ed., Figueirinhas, 1949), de Emília de Sousa Costa, e o poema «O Preto-Papusse-Papão» de *O Mundo dos Meus Bonitos* (1ª ed. 1920; 2ª ed., Livraria Didáctica, 1951), de Augusto de Santa-Rita (não vai longe o tempo em que este poema, por exemplo, figurava em manuais escolares de Língua Portuguesa). Ainda sobre a presença de atitudes do racistas na ficção juvenil, cite-se um circunstanciado estudo de Isabel Vila Maior centrado na série de vinte e um volumes «Cinco Brancos e um Preto», publicada por Alice Ogando entre 1961 e 1964 (na sequência de uma narrativa com o mesmo título editada em 1948), série essa cujo hipotexto é «The Famous Five» de Enid Blyton. Uma das conclusões desta análise refere que a série se esforça

«por representar um mundo que, conscientemente ou não, corresponde à ideologia de um estado autoritário e remete para os acontecimentos que emergem com especial acuidade no primeiro ano da sua publicação, 1961, o “ano de todas as crises” [segundo Fernando Rosas], com especial relevo para a guerra colonial, o que explica a importância na série da personagem

²Curiosamente, em livros em que se «promove o bom convívio entre as raças, por outro lado, reverte-se muito facilmente para um discurso racista» – afirma-o, com justeza, Ferreira (2007: 51) na leitura que propõe de duas obras de Ana de Castro Osório: *Viagens Aventurosas de Felício e Felizarda ao Pólo Norte* (Lisboa: Instituto Piaget, 1998) e *Viagens Aventurosas de Felício e Felizarda ao Brasil* (Lisboa: Instituto Piaget, 1998), cujas primeiras edições datam, respectivamente, de 1922 e 1927.

do pequeno negro, submetido a um tratamento narrativo claramente paternalista, em que o Outro é subsumido pelo Idêntico e a alteridade escamoteada e culpabilizada. O racismo do homem comum, transversal a toda a série, é paralelo à insistência no papel das elites e da juventude por elas educada na aceitação de uma "igualdade" racial em que a superioridade pertence ao branco.» (Vila Maior: 2007: 91)

Vários estudos têm demonstrado que o contacto de crianças do Ensino Básico com livros multi-étnicos e outros materiais de ensino com essas características contribui positivamente para o desenvolvimento de atitudes de tolerância e aceitação das diferenças culturais e étnicas. Abra-se, contudo, um parêntese para referir que o simples uso, neste contexto, do termo *tolerância* não se acha isento de problemas e conotações perversas, pois aquele que *tolera* é em geral o que se encontra em situação de dominância. E é a partir desse estatuto hegemónico ou de poder que *concede*, por conseguinte, um espaço ao outro – o dominado – e à sua cultura. Paradoxalmente, em suma, o recurso ao termo *tolerância* tem implícita alguma dose do seu contrário, ou seja, a intolerância. Parece ser, em parte, o que Paulo Mendes Pinto (2007) sublinha, em comentário ao projecto internacional «Aliança de Civilizações»: «Todos sabemos que “toleramos” o que, nos criando repulsa, temos de aguentar! O fim desta ideia e das suas práticas, profundamente marcadas por uma visão centrada em si mesmo, é a base da criação de uma clara e recíproca prática do respeito, a palavra mágica que pode abrir muitas portas, mesmo as mais reticentes.»³ Reconheça-se, por outro lado, que a questão tolerância / intolerância se complexifica ante uma sociedade ou comunidade em que se impõem, como «valores» indiscutíveis, o não reconhecimento dos direitos da mulher, o escravagismo ou o sistema de castas, para não falar da opressão e da exploração do homem pelo homem – realidade que, sejam quais forem os subtis eufemismos utilizados para a denominar, nunca deixou de existir, por exemplo, nas sociedades ditas democráticas de tipo ocidental.

A propósito da necessidade de os mais novos estarem preparados para viver em sociedades multiculturais, Mabel Segun escreve ainda:

«Uma minoria de bibliotecários, professores, pais, intelectuais e grupos de cidadãos têm defendido o uso de livros para crianças que contenham uma orientação positiva no sentido de combater o racismo e restituir às crianças a sua auto-estima, dando-lhes um lugar e uma boa imagem na literatura para crianças e fornecendo-lhes informação acerca dos seus países de origem, para que se tornem equilibradas e bem adaptadas. Adicionalmente, estes livros valem na medida em que mostram às crianças a riqueza que a diversidade cultural traz às sociedades em que vivem, assim como a outras.» (Segun, 1992: 103)

³ Giacomo Marramao parece matizar um pouco melhor esta questão. Em conferência realizada na Fundação de Serralves (Porto), em Março de 2007, e reportada por Andreia Azevedo Soares (2007), refere que «A mesa dos conflitos de interesses e identidade deve ser entendida (...) “como um encontro/confronto de narrativas associadas à nova organização desta sociedade global e oriundas de diversos contextos de vivências no mundo”. Cada uma dessas narrativas, na opinião do filósofo italiano, deve ser lida à luz da sua contingência. Sem “tentativas paternalistas”, sem o discurso da tolerância que prega o respeito recíproco de culturas e identidades, mas não prevê o real intercâmbio entre ambas as partes (com todas as asperezas que isso implica).» Não resisto a citar outra passagem deste texto, pela pertinência das questões suscitadas: «O filósofo acredita haver hoje uma “pandemia” a que chama “obsessão identitária”, uma espécie de vírus que contamina sobretudo os abastados (preocupados em demarcar o seu espaço, o seu local de pertença), mas também os desfavorecidos (estes sim cada vez mais globais, uma massa migratória de “inesperados convidados”). O caminho europeu para a construção de uma esfera pública global, capaz de encontrar um equilíbrio dinâmico entre os conflitos de interesses e identidades, passa, na opinião de Giacomo Marramao, pela valorização da filosofia que nos serviu de berço – os valores socráticos, por exemplo, baseados na dialéctica e no diálogo. No encontro de narrativas múltiplas que encontrem “ouvidos e tradutores “entre diferentes experiências e culturas”. “Ou, simplesmente, não haverá” caminho, concluiu o italiano.»

O International Board on Books for Young People (IBBY), organização que pugna, desde a sua fundação em 1953, pela promoção da leitura e das obras de qualidade junto da infância e da juventude, tem defendido, justamente, a ideia de que «os livros, enriquecendo os conhecimentos que os jovens possam ter dos valores e das tradições dos países estrangeiros, contribuem para desenvolver a convivência entre os povos e estão ao serviço da paz» (IBBY – *International Board on Books for Young People*, 1994 – desdobrável da Secção Portuguesa do IBBY). A Associação Portuguesa para a Promoção do Livro Infantil e Juvenil (APPLIJ, Secção Portuguesa do IBBY) – que agrupa investigadores, escritores e ilustradores, editores, bibliotecários e educadores – pauta, igualmente, a sua acção por este princípio. Daí que várias intervenções dos seus membros sempre tenham sublinhado a relevância do livro no diálogo intercultural e posto em prática esse mesmo princípio, quer através da cooperação com outras secções do IBBY, quer por meio da organização de espaços de formação, estudo e discussão – como os Encontros Luso-Galaico-Franceses do Livro Infantil e Juvenil, que há vários anos têm lugar no Porto, na Biblioteca Almeida Garrett, e que por mais do que uma vez abordaram esta temática.

2. Livros informativos, traduções e obras bilingues

Em matéria de livros para crianças e jovens⁴, e no que respeita à promoção da abertura a outros países e outras culturas, sublinhe-se a importância de três tipos de obras: os livros informativos, os textos literários traduzidos (narrativa, drama ou poesia) e os volumes bilingues.

- Os *livros informativos* de qualidade podem cumprir, entre outros, um papel de mediação entre o mundo a conhecer e o leitor, colocando em evidência a diversidade desse mesmo mundo. Existem obras deste tipo para todas as idades, quase sempre profusamente ilustradas com desenhos ou fotografias. Os jovens leitores são confrontados com a realidade de outros continentes e países, têm a oportunidade de conhecer a sua História, os hábitos e costumes das comunidades humanas, bem como a fauna, a flora, o clima de diversas regiões do globo, além das idiosincrasias deste ou daquele povo e os traços mais marcantes das respectivas identidades culturais.

- As *obras de ficção traduzidas* revelam-se também fundamentais para o propósito de promover a compreensão de culturas diferentes da do leitor. A vantagem destas obras prende-se com a própria natureza da literatura e com as virtudes intrínsecas da leitura literária. Importa por isso lembrar, em primeira instância, que:

⁴ Sobre a temática abordada no presente ensaio, sugere-se a leitura da obra coordenada por Roig Rechou; Soto López; Lucas Domínguez (coord.) (2006) – volume que conta com a colaboração do autor destas linhas, no âmbito das actividades da Rede de Investigação LIJMI (<http://www.usc.es/lijmi/>) – e ainda da obra de Leite; Rodrigues (2000). Ver também Sarto Canet (dir.) (1994), AA VV (1995) e Pellón Incera (2007), entre outros títulos. Ver ainda as bibliografias dos trabalhos mencionados.

De referir que o ensaio agora apresentado constitui uma versão refundida e aumentada do artigo «Literatura para crianças: um mundo sem fronteiras. Os livros para crianças na sociedade multicultural» que publiquei no nº 17 da *Revista Internacional de Língua Portuguesa* (Lisboa: Associação das Universidades de Língua Portuguesa, Julho, 1997), pp. 38-46.

«A literatura permite (...) tempo de maturação e essa é a sua força, aquilo que tem de insubstituível e de único para oferecer: a vivência lenta e processual das emoções e as mudanças que elas provocam. A literatura permite não apenas a acção e o movimento, mas a sensação, de angústia, de sonho, de terror, de alegria com o seu tempo durativo e transformacional – o que a torna um extraordinário enriquecimento humano e nos permite a todos, muito limitados a um espaço e a um tempo, viver mil vidas, numa forma quase real: sermos rebeldes, aventureiros, marginais ou resignados. Sentirmos, nós funcionários públicos e amanuenses de mornidões cinzentas, como íntima e nossa, a solidão de R. Crusoe ou a vida selvagem de Jack London.» (Dacosta, 1984: 67).

As obras literárias transpostas para outras línguas requerem, porém, cuidados acrescidos no que toca à qualidade do trabalho de tradução. Dele se espera que não desvalorize, apagando-os, os traços nacionais que singularizam as obras – pois o diálogo entre culturas não significa, bem pelo contrário, o esbatimento da diversidade⁵ e muito menos o menosprezo pelas culturas e idiomas minoritários. A «Caminho Jovens», da Editorial Caminho, foi, durante anos, um bom exemplo de colecção cujos livros puderam contribuir para um conhecimento não superficial de outros espaços culturais. Reuniu um notável conjunto de romances e novelas juvenis oriundos das mais diversas regiões do mundo, muitos deles distinguidos com prémios literários de prestígio, internacionais ou nacionais. Aí encontramos nomes consagrados da moderna ficção juvenil, como os norte-americanos Mildred D. Taylor, Esther Forbes, Scott O’Dell e Brock Cole, a colombiana Lyll Becerra de Jenkins, o sul-africano Norman Silver, os ingleses Geoffrey Trease, Janni Howker, Leon Garfield e Lynne Reid Banks, os nórdicos Tormod Haugen e Cecil Bødker, a austríaca Christine Nöstlinger, a grega Alki Zei, o francês Jean Joubert, o italiano Gianni Rodari e os espanhóis José María Merino e Joan Manuel Gisbert, entre outros.

No domínio dos álbuns (ou de obras em formato de álbum), destacarei, a título exemplificativo, dois títulos, ambos publicados na colecção «Caleidoscópio», da Edinter (actual AMBAR), e destinados a crianças entre os sete e os dez anos. Em *O Segredo de Salomão* (1989), de Saviour Pirotta e Helen Cooper, deparamos, inicialmente, com o quotidiano de um bairro negro, situado, possivelmente, numa cidade europeia. Na companhia do velho senhor Zee – personagem bondosa mas de comportamento estranho – o pequeno Salomão enceta uma viagem fantástica que o leva do quintal do seu amigo ao deserto australiano, passando pela China e pela Índia.

Leïla (1989), de Sue Alexander, é uma obra admiravelmente ilustrada por Georges Lemoine que narra a história de uma rapariguinha de dez anos pertencente a uma família de Beduínos. A acção decorre algures no deserto de um país árabe e complica-se com o desaparecimento de Slimane, o irmão de Leïla. Além de abordar aspectos da vida e da

⁵ Tal como acontece com o conceito de *tolerância*, a utilização do termo *diversidade* não é isenta de problemas. Leiam-se, a este propósito, as palavras de Iara Tatiana Bonin (2007: 7): «Sobre a diversidade entendida como “natural”, obviamente não é pensada como algo que possa ou deva ser superado, e sim como uma característica das sociedades nacionais a ser aceite e suportada, desde que ordenada para que não se dissemine em rebeldia, para que não ofereça riscos, nem desestabilize as frágeis certezas. Tomada como menor e subordinada, a diversidade complementa e fortalece a identidade referencial. // Problematizar a pedagogia da diversidade implica considerar que as diferenças se produzem em relações de poder e saber, prestando atenção aos processos de diferenciação, às estratégias de hierarquização e de sujeição. Significa ir além do reconhecimento e do acolhimento de uma multiplicidade de sujeitos e de práticas, para que se possa reflectir sobre o modo como identidades e diferenças vão sendo constituídas e posicionadas na cultura.»

cultura dos povos árabes, a história configura uma lição sobre formas positivas de lidar com a morte e com a ausência dos que nos são queridos, mantendo viva a sua imagem através da memória e do poder evocativo da palavra.

Destacarei ainda um terceiro álbum, de Umberto Eco e Eugenio Carmi: *Os Três Cosmonautas* (Quetzal, 1989). Como já tive ocasião de escrever noutra local (v. Gomes, 1991: 82), o livro narra a história de um americano, um russo e um chinês que, no decurso de expedições espaciais simultâneas, aprendem gradualmente que as dissemelhanças entre os seres humanos (sintomaticamente sinalizadas pelas diferenças ao nível da linguagem e da cultura a ela subjacente), embora causadoras de equívocos, não podem ser impeditivas da concórdia, da aceitação mútua de percursos individuais mas também da compreensão do que lhes é comum. Em última análise, o conto confronta o leitor com a questão da incomunicabilidade como elemento gerador de intolerância. Uma obra, em suma, que sublinha a necessidade do diálogo, contrapondo-o à irracionalidade da desconfiança e da violência.

- *Os livros bilingues* podem assumir, igualmente, um papel de relevo. Raras ainda no nosso país, estas obras têm a virtude de não permitir à criança ignorar que se encontra perante o outro. De facto, «o outro está presente em cada página nessa língua, nessa escrita por vezes diferente. Para além da simples função linguística, o livro bilingue tem um papel de sensibilização, de despertar da curiosidade, de familiarização e aceitação da diferença.» (Bukiet, 1992: 5)

Vale a pena apontar, como exemplo, a «Estafeta do Conto», projecto de escrita colaborativa concretizado em 2004 e 2005, com oito escritores e centenas de alunos da Galiza e do norte de Portugal por iniciativa da Conselleria de Cultura da Xunta de Galicia e da Delegação Regional de Cultura do Norte (Ministério da Cultura de Portugal), com o apoio do Programa de cooperação transfronteiriça INTERREG III. Operação de complicada logística, que implicou a assistência de professores e bibliotecários e exigiu um considerável trabalho de coordenação, este projecto contou, numa das equipas, com a participação dos escritores galegos Paco Martín e Gloria Sánchez e dos portugueses Anabela Mimoso e João Pedro Mésseder, e, na segunda, com Fina Casalderrey, Xabier Puente Docampo, pela Galiza, e Ana Luísa Amaral e Vergílio Alberto Vieira, por Portugal. As línguas de trabalho foram o português e o galego e tudo se processou em interações presenciais dos autores com crianças de várias vilas e cidades do Minho, de Trás-os-Montes e de diversas cidades galegas. Participaram na elaboração de ambas as histórias mais de quatro centenas de jovens, com idades compreendidas entre os 10 e os 14 anos. As sessões de *brain storming* e criação oral colectiva tiveram lugar quase sempre em bibliotecas públicas e com o apoio indispensável de bibliotecários e professores. O saldo final foi a publicação dos livros bilingues *Como Um Pé-de-vento / Como Un Golpe de Vento* (Santiago de Compostela: Xunta de Galicia e MC – DRCN, 2006), com ilustrações de António Modesto, no caso da primeira equipa, e *Pasos de Música, Camiños de Auga / Passos de Música, Caminhos de Água* (Santiago de Compostela: Xunta de Galicia e MC – DRCN, 2006), com ilustrações de Xosé Cobas, no caso do segundo colectivo. Redigidas e revistas pelos escritores envolvidos, trata-se de pequenas novelas de tipo fantástico, em que se tornam visíveis traços culturais de duas regiões diferentes, mas irmanadas por idiomas muito semelhantes e pela contiguidade geográfica.

No conjunto das obras bilingues, merecem ainda referência dois livros em formato de álbum: *Sam e o Som / Sam and Sound* (Caminho, 2006), em português e inglês, de Ana Saldanha e Basil Deane (texto) com ilustrações de Gémeo Luís, centrado na infância e juventude de um violoncelista irlandês; e ainda as narrativas em verso, em torno do alfabeto, de *Rua do Abecedário / Rue de l'Abécédaire* (ASA / Éditions St.-Paul, 1993) de Augusto Múrias (texto) e Romain Lenertz (ilustrações), obra editada em Portugal e no Luxemburgo e com texto em português e francês.

3. Diversidade e outros temas em obras portuguesas para crianças e jovens

Abordarei, em seguida, algumas obras literárias ou paraliterárias (exceptua-se uma, de natureza mais didáctica) da produção portuguesa para os mais jovens, as quais se distinguem seja por tematizar a diferença e a diversidade, seja por abordar o confronto com o estrangeiro, a condição de imigrante ou tópicos afins (v. também o Anexo ao presente ensaio). Podem por isso favorecer uma reflexão sobre o diálogo de culturas e concorrer para uma educação simultaneamente literária e social, enformada por valores positivos subjacentes a esse intercâmbio.

Publicado pela primeira vez em 1976, *O Meio Galo* (Edições ASA), de Luísa Ducla Soares, integra um conto breve intitulado «Meninos de todas as cores». Miguel, um menino branco e contente da sua condição, parte para uma viagem que o leva a diferentes continentes. Neles encontra crianças amarelas, pretas, vermelhas e castanhas, todas elas satisfeitas com as cores das suas peles. No regresso à «sua terra de meninos brancos», Miguel afirma: «É bom ser branco como o açúcar / amarelo como o Sol / preto como as estradas / vermelho como as fogueiras / castanho da cor do chocolate.» (ed. de 1982, p. 24). O narrador conclui que «enquanto na escola, os meninos brancos pintavam em folhas brancas desenhos de meninos brancos, ele fazia grandes rodas com meninos sorridentes de todas as cores.» (pp. 24-25).

O Soldado João (Estúdios Cor, s.d.), da mesma autora, relata o modo como um simples soldado, que se distingue pela sua bonomia e é incapaz de se libertar de certos costumes da terra natal, logra, um tanto involuntariamente, tornar absurda e desnecessária uma guerra entre generais inimigos. É a instituição castrense posta a ridículo e o texto a funcionar como parábola: um pequeno libelo a favor da paz e do convívio entre pessoas provenientes de campos aparentemente opostos.

Em vez da tradicional rivalidade entre irmãos que inúmeras histórias infantis, sobretudo tradicionais, abordam, *Os Ovos Misteriosos* (Afrontamento, 1994) – outra obra escrita por Luísa Ducla Soares e ilustrada por Manuela Bacelar – propõe imagens de força e solidariedade que assentam numa insólita aliança de animais de distinta natureza. Indignada com o roubo sistemático dos seus ovos, uma galinha decide, na mata, chocar cinco de diferentes tamanhos e feitios, conquanto apenas conheça a proveniência do único por cuja postura é responsável. A sua prole deixa-a perplexa: um papagaio tagarela, uma avestruz voraz, uma serpente com cócegas e um crocodilo; apesar de apenas o quinto filho se comportar como um pinto, a mãe trata os cinco com igual desvelo. A história só atinge, no entanto, o seu clímax quando um rapaz tenta roubar o frango: os outros

animais perseguem-no e assustam-no, cada um deles mobilizando as «armas» que lhe são próprias. Libertado o irmão, todos se reúnem à volta da mãe, festejando e entoando uma canção que traduz bem a intencionalidade da obra.

Os Ovos Misteriosos não é pois uma história pueril – no sentido pejorativo da expressão –, mas antes uma fábula em que a diferença de cada um é valorizada. Para ser mais rigoroso, deveria talvez dizer que subjaz a este discurso a ideia de que a força de um grupo não repousa apenas na identidade de estatutos e de interesses daqueles que o compõem. Luísa Ducla Soares vem mostrar que cada elemento de uma pequena ou grande comunidade possui individualidade própria e que o poder dessa comunidade nasce, afinal, da combinação das várias idiosincrasias dos sujeitos que a compõem. Só assim a união faz a força e consolida os laços entre estes, já que as peculiaridades de uns complementam as dos outros.

Propondo uma visão das coisas situada nos antípodas do egoísmo, a história da galinha e dos seus cinco filhos, destinada a crianças entre os cinco e os sete anos, não prescinde, contudo, da valorização da identidade pessoal. Os laços de cumplicidade afectiva aliados ao respeito pelas particularidades individuais surgem como condição essencial da sobrevivência dos grupos. Por mais inocente que aparente ser, qualquer texto de literatura para crianças está, pois, saturado de ideologia. Esta parece oportuna. Num tempo como o nosso, assolado pela intolerância e por tentações de unanimismo acrítico, não se poderia encontrar mensagem mais actual, neste caso transmitida com subtilidade, humor e economia de meios expressivos (v. Gomes, 1995).

Num livro de poesia significativamente intitulado *A Cor que Se Tem* (Plátano, 1986), Maria Cândida Mendonça escreve, no poema com o mesmo título: «*E assim / há-de chegar / o dia de acreditar / que o valor / de alguém / não se pode avaliar / pela cor / que tem. // E então / tudo estará bem.*» (p. 18). Outra composição («Mariana, menina cigana») é um dos raros textos portugueses para a infância que abordam a discriminação dos ciganos: «*A amizade / aquece menos / que o sorriso / na tua face / Mariana / menina cigana. // Mas o ódio / esse é menos frio / que a voz que te chama / esquecendo teu nome / e dizendo / mordendo / cigana / CIGANA*» (p. 32).

Para a colecção «Triciclo voador», de Edições Afrontamento, criou Manuela Bacelar um álbum ilustrado, intitulado *O Dinossauro* (1990), próprio para crianças entre os cinco e os sete anos. O gigantesco animal, adormecido há muitos milhares de anos e confundido, por isso, com um monte, desperta um dia e inicia um passeio, transportando no dorso uma aldeia inteira. Relatada num registo bem humorado, esta viagem bizarra vai permitir aos aldeãos conhecer a diversidade do mundo. Atravessando regiões desérticas e países frios, têm oportunidade de observar «*gente igual*» e «*gente diferente*», «*casas de todos os tamanhos*» e feitiços. Acompanhando a sucessão de imagens, o pequeno leitor contacta com nórdicos, árabes, chineses, africanos e índios norte-americanos; vê a Torre de Pisa, a Torre Eiffel, arranha-céus, vivendas, palhotas, *igloos*, *tipis* e outros tipos de habitações e edifícios históricos. Eis, pois, como uma obra destinada a crianças pequenas pode contribuir para uma iniciação ao conhecimento das culturas de outros povos.

Ainda com ilustrações de Manuela Bacelar e texto de Anita Burlet, Jan Powels e Maria Praia, *A Europa dos Direitos Humanos* (RIF, 1993) é uma obra constituída por dezasseis cartões de formato A4, plastificados e resistentes, que se destina a ser lida pelas

crianças em contexto escolar e explorada com a orientação do professor. Como escrevi noutra local (Gomes, 1994: 19), o trabalho obedece à seguinte estrutura: na frente de cada cartão uma ilustração colorida dialoga com um pequeno texto narrativo que, no verso, vai contando, de modo muito simples e claro, a história do conturbado continente que a Europa sempre foi. Aí se explica a génese da Declaração Universal dos Direitos Humanos e a sua importância para a construção de um mundo onde, como é dito no texto, «*as meninas e os meninos puderam (...) ser livres, sentir-se felizes, conviver e ter o direito de aprender*» – afirmação mais utópica do que real, não obstante os progressos verificados. No verso de cada cartão, uma parte destinada aos docentes destaca pequenos excertos da Declaração, isola os conceitos que lhes estão subjacentes e integra sugestões de actividades que o professor pode desenvolver com os alunos a partir das imagens e do texto. Estas propostas revelam a preocupação constante de relacionar os conceitos em análise com práticas sociais vivenciadas pelos mais novos, sem esquecer a dimensão cultural patente em muitas delas. A obra, enquadrada na problemática geral da *dimensão europeia na educação*, e destinada sobretudo a crianças da escola básica, procura dar resposta à seguinte questão: «*Como solucionar a tremenda frustração de educar em valores, princípios e direitos que a sociedade é incapaz de promover? Não se trata de pensar utopicamente uma sociedade sem conflitos. A questão reside em como utilizar a educação como contributo para a resolução desses conflitos.*» (2º cartão, texto «A Europa dos Direitos Humanos»). Trata-se, em suma, de um trabalho voltado para «*uma educação de vocação internacional, que desperte em cada um a responsabilidade solidária. Uma educação para a compreensão do outro, para o respeito pelas liberdades fundamentais.*» – assim se pode ler num dos textos introdutórios.

«*Por que não tens uma cor igual à nossa? Por que não cricrilas?*» – perguntam à personagem do Grilo Verde os outros grilos, na obra que António Mota publicou com o título *O Grilo Verde*, em 1984 (1ª ed., Livros Horizonte; 4ª ed., Gailivro, 2005), um conto em cujo subtexto se lê um apelo à aceitação da diversidade. Outros exemplos merecem referência, como certos contos de Luísa Dacosta (*História com Recadinho*, Figueirinhas, 1986) e de Manuel António Pina – neste caso incluídos em *O País das Pessoas de Pernas para o Ar* (1ª ed., A Regra do Jogo, 1973; reed., Pé de Página, 2007) e em *O Têpluquê e Outras Histórias* (Afrontamento, 1995; reed., Assírio & Alvim, 2006) edição refundida de dois livros inicialmente editados na década de setenta).

A seu modo, também a novela e o romance juvenil podem concorrer para o despertar da curiosidade por experiências de vida noutros países ou para uma meditação sobre problemas como o racismo ou a inadaptação social provocada pelo choque de culturas. Encontram-se no primeiro caso alguns dos livros de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada publicados pela Editorial Caminho na colecção «Uma aventura»: *Uma Aventura no Deserto* (1988), *Uma Aventura nas Ilhas de Cabo Verde* (1990), *Uma Aventura em França* (1991) e outros. *Brasil! Brasil!* (colecção «Viagens no tempo», Caminho, 1992), das mesmas autoras, é uma narrativa centrada em aspectos da História do Brasil no século XIX, nomeadamente a luta pela abolição da escravatura. A questão do racismo, nas suas várias dimensões, atravessa por isso todo o texto.

O herói do romance *Alex, o Amigo Francês* (Caminho, 1989), de Carlos Correia, é um jovem filho de emigrantes portugueses. A sua dificuldade de integração, tanto

na sociedade de origem dos pais como no país de acolhimento, está na origem da sua inadaptação social. Sobre este livro escreveu Alice Vieira (cit. por Oliveira (ed.), 1993: 11): «É uma história por onde passa o racismo, o trabalho precário, o biscoito, o pequeno delito, o bando – que leva o herói a recusar ambas as sociedades e a embarcar num navio em busca de aventura. A recusa do final cor-de-rosa em favor da verdade. Por cruel que esta seja. Um livro de emigração sem sabor a fados e guitarradas. Mas também, evidentemente, sem sabor a *javas* ou *valeses musettes*.»

Mais obras poderiam ser mencionadas, como *Uma Questão de Cor* (Edinter, 1995; 3ª ed., Caminho, 2006) ou *Os Caçadores de Cabeças* (Verbo, 1994), de Ana Saldanha e Alexandre Honrado, respectivamente. Ambos são representativos de uma tendência emergente na nossa narrativa juvenil para tematizar o racismo, a xenofobia e outros tipos de exclusão – temas que ganharam uma triste actualidade na sociedade portuguesa (v., a este propósito, Blockeel, 1996 e 2001).

4. Textos e intertextos, contos e recontos

Embora não abordem de modo directo tópicos como o racismo ou a aceitação das diferenças nas sociedades multiculturais, as obras a que farei agora referência constituem narrativas de qualidade literária, cuja génese as vincula a textos estrangeiros, de origem dita popular ou erudita. Algumas resultam mesmo de um prolongamento dos enredos que lhes servem de ponto de partida, como *Sonhos na Palma da Mão* (Porto Editora, 1990; 2ª ed., ASA, 2004), de Luísa Dacosta, ou *O Pajem Não Se Cala* (1ª ed., 1981; 2ª ed., Civilização, 1992), de António Torrado, ambos inspirados por dois conhecidos contos de Hans Christian Andersen, respectivamente «O rouxinol» e «A vestimenta nova do imperador».

Em casos como estes, uma leitura orientada pode enfatizar a ideia de que a própria criação literária é consequência de um diálogo frutífero, explícito ou implícito, com textos que a precederam, muitos deles oriundos de outros universos culturais. A consciência desta realidade, além de concorrer para o desenvolvimento da competência intertextual (dimensão essencial da competência literária) confere novos matizes ao conceito de interculturalismo. Um leitor habituado desde cedo a reflectir sobre este fenómeno estará, porventura, mais aberto ao respeito pela arte e cultura de outros povos, desvalorizando, assim, sentimentos exacerbados de nacionalismo cultural.

Neste sentido, a obra de Ilse Losa é exemplar a vários títulos, averbando algumas narrativas e peças teatrais baseadas em contos populares alemães ou de outros países. *Silka* (1ª ed. 1984; 2ª ed., Edições Afrontamento, 1991), por exemplo, toma como ponto de partida uma história tradicional do norte da Europa (região báltica), tematizando a perseguição de que pode ser vítima um povo de raça e cultura diferentes. É difícil, aliás, não ler *Silka* como uma parábola focada na questão da intolerância étnica e como dolorida meditação sobre o destino do povo judeu.

Falar da educação para a alteridade e para aquilo a que, com certa precipitação e não poucas conotações perigosas, chamamos tolerância implica, aliás, recordar os três contos originais publicados por Ilse Losa no seu livro *A Minha Melhor História* (Editora Nova

Crítica, 1979). Alguma desta matéria ficcional encontra-se relacionada com a infância e juventude da autora, vividas na sua Alemanha natal, nos anos que precederam a Segunda Guerra Mundial, trazendo à memória – numa linha de intertextualidade homo-autoral – outro belo livro de Ilse Losa: *O Mundo em que Vivi* (20ª ed., Afrontamento, 1990). Particularmente tocante é o conto «Apesar de tudo», história de reconciliação, centrada na festa de aniversário do pequeno Rolf, filho de um resistente ao nazismo. O conflito interior vivido pela mãe, ante a eventualidade da presença na festa de outra criança, filha de um criminoso nazi, é a questão central do conto, cuja acção principal se situa no imediato pós-guerra. Superando, por momentos, a dor e o ódio provocados pela morte do marido às mãos dos torcionários, a mãe de Rolf acaba por ceder à insistência do filho e admitir a presença de todas as crianças na festa, independentemente do passado dos pais. Ao recusar penalizar uma delas pelos terríveis erros cometidos pelo pai, a mãe de Rolf afirma a sua superioridade moral. O conto termina com uma nota de esperança: «Talvez fosse possível haver um futuro sem lugar para torturas de inocentes, um futuro melhor do que o passado, para bem de seu filho, para bem daquelas crianças... para bem do rapazinho que lhe sorri...» (p. 42).

Sophia de Mello Breyner Andresen – que, em *O Cavaleiro da Dinamarca* (Figueirinhas, 1964), esboçara já um belíssimo fresco da efervescência social, cultural e artística da Europa entre o fim da Idade Média e a Renascença – dá a ler, em *A Árvore* (Figueirinhas, 1985), duas recriações de histórias tradicionais do Japão, em que é possível descobrir diversos elementos da cultura deste país.

A atracção que a literatura oral tradicional sempre exerceu sobre António Torrado conduziu-o inevitavelmente a deixar-se cativar pelas narrativas tradicionais do Oriente. É o que se verifica nos recontos que – à semelhança de Alice Vieira (v. *Contos e Lendas de Macau*, Caminho, 2002) –, publicou na colecção «Contos e lendas de Macau», do Instituto Cultural de Macau / Editorial Pública: *O Coelho de Jade*, *A Noite Luminosa* e *A Cerejeira da Lua*, todos eles de 1990. «O rei fez justiça», história incluída em *Dez Contos de Reis* (Edições O Jornal, 1990), inspira-se, por seu turno, num conto tradicional árabe. E é a mesma atracção pelo mundo árabe que leva o autor de *O Jardim Zoológico em Casa* a situar a acção da sua conhecida história «O mercador de coisa nenhuma» num país do Médio Oriente (ver *O Mercador de Coisa Nenhuma*, 1ª ed., 1969; 2ª ed. revista e aumentada, Civilização, 1994). Finalmente, em *O Pajem Não Se Cala*, Torrado retoma, como foi dito, um dos mais conhecidos contos de Hans Christian Andersen prolongando-o numa divertida parábola sobre a hipocrisia dos poderosos.

Andersen é também um dos autores de referência de Luísa Dacosta. Não se estranhará, por isso, que, no já citado *Sonhos na Palma da Mão*, narrativa breve mas de elaborada urdidura, a escritora regresse ao conhecido conto «O rouxinol», cuja acção decorre na corte de um imperador chinês. Tive já oportunidade de escrever (v. Gomes, 1991) que o texto de Luísa Dacosta se estrutura em torno de três sonhos da pequena protagonista da narrativa de primeiro grau, três etapas de um percurso que encontra, no final, o seu momento de síntese. No primeiro sonho, o olhar da menina, a quem a avó contava a velha história do autor dinamarquês, descobre uma dama nobre costurando, no palácio do imperador, um minúsculo rouxinol. Ele destina-se a fechar a sua cabaia de seda e a realçar ainda mais a sua beleza, provocando assim a inveja das outras damas da

corde. No segundo sonho, os olhos da criança revelam-nos a rapariga pobre do conto de Andersen a afeiçoar também um pequenino corpo de pássaro, com um retalho de seda vermelha do quimono do imperador. Trata-se de um presente para a mãe, testemunho simbólico do amor filial da personagem. O terceiro e último sonho prefigura um encontro entre dois amantes. Uma vez mais, entram em cena personagens do conto de Andersen. O pescador leva à amada – a criadinha do segundo sonho – um testemunho do seu amor: um gancho com a forma de um pequeno pássaro, destinado a «prender a cascata negra» (1ª ed., p. 22) do cabelo da jovem. A última cena do sonho sugere, então, o encontro amoroso dos amantes. Eis-nos, em suma, perante três modos de realização amorosa, que se não excluem mas ordenam, segundo um processo evolutivo. Os olhos da menina encaminham-na de um amor narcisista (o da dama por si própria) para uma situação de afecto num quadro parental (filha-mãe) e, finalmente, para uma relação amorosa fora desse quadro: o encontro entre a criadinha e o pescador. Pelo meio, não se torna difícil identificar elementos vários da cultura chinesa – que a ilustração de Ângela Melo sublinha e enriquece –, alguns dos quais já se encontravam no conto de Andersen.

Registe-se ainda *António e o Príncipezinho* (1ª ed., Edinter, 1993; 2ª ed., AMBAR, 2004), de José Jorge Letria. Até certo ponto, pode afirmar-se que estamos perante a continuação da existência de Saint-Exupéry após o seu desaparecimento no mar, na sequência de um provável ataque de caças alemães, no dia 31 de Julho de 1944. O *topos* da revisitação de uma vida inteira no momento que precede a morte torna-se irrecusável ponto de partida para uma história, sobretudo se protagonizada por alguém como Saint-Exupéry, cuja personalidade vem sendo objecto de mitificação crescente. O narrador encontra assim o dispositivo que lhe permite a rememoração de momentos fulcrais da biografia do escritor-aviador (a infância na casa de Saint-Maurice, a escola em Friburgo, o despertar da paixão pelo voo, as experiências como piloto...), bem como de lugares e pessoas que marcaram a sua vida (a mãe, Léon Werther, Jules Védrières...). Homenagem comovida ao autor de *Vol de Nuit*, o texto de Letria necessita, para um adequado entendimento pelo pequeno leitor, de prévia referência ao intertexto, *Le Petit Prince*, já que o guia de António (de Saint-Exupéry) nesta viagem ao passado é, justamente, o Príncipezinho, reencontrado no fundo do mar, após a queda do avião. A dualidade morte/regresso ao seio materno (origem da vida) surge, assim, associada ao elemento aquático. Partindo da ambivalência simbólica desse espaço marinho, três linhas de leitura se articulam: o regresso à infância/revisita do passado, a imortalidade do escritor (e sua conversão em mito) e o aniquilamento físico do homem. Em jeito de confirmação, registre-se o desfecho da história, espécie de deriva metaliterária: o Príncipezinho leva António «até uma página branca de um livro por escrever» e aí o deixa adormecer. O narrador conclui: «António, quando acordou, já não pertencia ao mundo dos aviões e das viagens feitas no dorso dos cometas. Tornara-se personagem de um livro interminável como só os sonhos das crianças podem ser.» (1ª ed., p. 38). Antoine converte-se assim em personagem de uma pequena biografia romanceada, realimentando desse modo o mito do homem e do escritor (cf. Gomes, 1993: 15).

Ao contrário do que possa parecer, não esqueci as palavras de Suzanne Bukiet citadas no início deste artigo. O que implica deixar um último sublinhado. É manifestamente insuficiente cingir a utilização do livro, no quadro de uma educação para a multiculturalidade e o interculturalismo, à leitura de recontos numa segunda língua (exemplos, da autoria de José Jorge Letria: *Contos da China Antiga*, 2002; *Lendas e Contos Judaicos*, 2003; *Contos e Lendas do Japão*, 2004; *Lendas e Contos Indianos*, 2006; *Contos Populares Árabes*, 2007, todos editados pela AMBAR), ou de obras literárias baseadas em textos provenientes da literatura de outros povos (como alguns dos trabalhos mencionados de Luísa Dacosta e António Torrado) ou ainda de antologias de contos tradicionais de países com o mesmo idioma oficial (exemplo: *Contos da Lusofonia: Os Mais Belos Contos Tradicionais* (Civilização, 1998), com recolha de M. Margarida Pereira-Müller). Sobre as vantagens da tradução, Walter Benjamin (2007: 134-135) refere a «libertação do preconceito da língua própria (o salto por cima da língua própria)» e ainda «o domínio dos movimentos intelectuais coevos nos vários povos». Donde, conhecer e aprender a respeitar a cultura do outro começa, sobretudo, *na possibilidade de acesso a versões criteriosas de obras literárias, originalmente editadas noutras línguas*, que sejam representativas de culturas diferentes da do leitor. E, neste aspecto, o panorama editorial português revela-se por vezes confrangedor, em especial no domínio da ficção estrangeira destinada a crianças e jovens (onde encontrar obras de autores latino-americanos, árabes, africanos e asiáticos?) e sobretudo no que respeita à qualidade das traduções.

5. Notas finais

Sociedade multicultural, diálogo de culturas... Vivemos num mundo em que a chamada globalização e o reforço de estruturas de governo e pólos de decisão supranacionais, de mais do que discutível legitimidade democrática (União Europeia; multinacionais e seu poder...), têm como paradoxal reverso o recrudescimento do preconceito racial e da xenofobia e o reforço dos mecanismos de exclusão social e económica, indissociáveis de um capitalismo discursiva e ideologicamente estribado na vulgata neo-liberal. Neste quadro, há um longo caminho a percorrer no sentido de educar para algo mais do que a mera curiosidade pelo outro e para a aceitação activa do que nele é, por vezes, da ordem do radicalmente «diferente». (Refiro-me em especial à *diferença* étnica e cultural, numa sociedade em que a maioria pertence a determinado grupo étnico. Mas poderia aludir a outros tipos de *diferença* – termo também ele ambíguo e perigoso⁶ – como por exemplo a social.) Os livros para crianças, designadamente as traduções de obras estrangeiras, impõem-se como mediadores relevantes do diálogo entre culturas – estimulando a curiosidade, dando a conhecer outros povos e etnias, contribuindo para a integração em comunidades multi-étnicas, estimulando, enfim, atitudes de valorização das diferenças que não ponham, contudo, em causa valores humanos fundamentais e universais.

⁶ Releia-se o que ficou dito sobre os conceitos de *tolerância* e de *diversidade*, nomeadamente na nota 5.

Ajudar os mais jovens a tomar consciência dos laços que se criam entre diferentes universos culturais (refiro-me, sobretudo, às dimensões intertextual e inter-artística) parece ser outra das virtudes da literatura. Para tal contamos com o inestimável trabalho de criação e recriação levado a cabo pelos escritores. Para estes – como tantas vezes acontece no que toca ao seu público preferencial: os mais novos – as fronteiras nem sempre têm sentido. Como se a arte fosse, afinal, a linguagem do entendimento universal.

Referências bibliográficas

- ▶ AA VV (1995). *24º Congreso Internacional del IBBY de Literatura Infantil y Juvenil – Memoria – Sevilla 11-15 Octubre 1994 – Literatura Infantil, Espacio de Libertad*. Madrid: OEPLI.
- ▶ BENJAMIN, Walter (2007). «A tradução – os prós e os contras», *A Phala*, nº 1 [2ª série]. Lisboa: Assírio & Alvim, Janeiro, pp. 133-135
- ▶ BLOCKEEL, Francesca (1996). «Colonial and postcolonial Portuguese children’s literature», *Bookbird*, vol. 34, nº 4. Baltimore, pp. 12-17.
- ▶ BLOCKEEL, Francesca (2001). *Literatura Juvenil Portuguesa Contemporânea: Identidade e Alteridade*. Lisboa: Caminho.
- ▶ BONIN, Iara Tatiana (2007). «Para problematizar a “pedagogia da diversidade”», *A Página da Educação*, nº 169. Porto: Julho, p. 7.
- ▶ BUKIET, Suzanne (1991). «Cultures plurielles et littérature de jeunesse – les accents internationaux du livre», *CRILJ*, 43. Paris, pp. 3-8.
- ▶ CARVALHO, Adalberto Dias de (2007). «Para uma crítica da interculturalidade enquanto lugar-comum», *A Página da Educação*. Porto: Março, p. 5.
- ▶ DACOSTA, Luísa (1984). «Angústia, sonho, vida – e literatura infantil», *Palavras* (Revista da Associação de Professores de Português), nº 8. Lisboa: Novembro, pp. 67-68.
- ▶ FERREIRA, Manuela Malheiro (2003). *Educação Intercultural*. Lisboa: Universidade Aberta.
- ▶ FERREIRA, Thereza Christina Vianna (2007). *Rupturas e Continuidades na Representação do Género, Nação e Cidadania: Exemplos da Literatura Infanto-juvenil Portuguesa*. Braga (Tese de Mestrado em Estudos da Criança, apresentada ao Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho).
- ▶ GOMES, José António (1991). *Literatura para Crianças e Jovens – Alguns Percursos*. Lisboa: Caminho.
- ▶ GOMES, José António (1993). «Príncipezinho revisitado», *Expresso (Cartaz)*, 18-12.

- ▶ GOMES, José António (1994). «A Europa dos Direitos Humanos» (recensão crítica), *Expresso (Cartaz)*, 15-1.
- ▶ GOMES, José António (1995). «Os Ovos Misteriosos» (recensão crítica), *Expresso (Cartaz)*, 4-2.
- ▶ LEITE, Carlinda; RODRIGUES, Maria de Lurdes (2000). *Contar um Conto, Acrescentar um Ponto: Uma abordagem intercultural na análise da literatura para a infância*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- ▶ OLIVEIRA, José (ed.) (1993). *31 Janelas Abertas para o Prazer de Ler* (catálogo da col. «Caminho jovens»), Lisboa: Caminho.
- ▶ PELLÓN INCERA, José María (2007). «Interculturalidad: fusión de horizontes», *Peonza*, nºs 79-80. Santander: Diciembre 2006-Abril 2007, pp. 47-55.
- ▶ PINTO, Paulo Mendes (2007). «A urgência de uma (efectiva) Aliança de Civilizações», *Público*, 30-5.
- ▶ ROIG RECHOU, Blanca-Ana; SOTO LÓPEZ, Isabel; LUCAS DOMÍNGUEZ, Pedro (coord.) (2006). *Multiculturalismo e Identidades Permeáveis na Literatura Infantil e Xuvenil*. Santiago de Compostela: Edicións Xerais de Galicia e Fundacion Caixa Galicia.
- ▶ SARTO CANET, Monserrat (dir.) (1994). *Multiculturas en Los Libros Españoles Infantiles y Juveniles*. Madrid: Anaya / Fundación Germán Sanchez Ruipérez / Grupo Estel.
- ▶ SEGUN, Mabel (1992). «At home abroad? Multicultural life in children's literature», in AA VV. *Proceedings of the 23rd Congress of the International Board on Books for Young People*. Berlim: Arbeitskreis für Jugendliteratur, pp. 101-21.
- ▶ SOARES, Andreia Azevedo (2007). «Conferência em Serralves – A pandemia da obsessão identitária, segundo Giacomo Marramao», *Público*, 31-3-2007, p. 12.
- ▶ VILA MAIOR, Isabel (2007). «*Cinco Brancos e um Preto* – a série de aventuras ao serviço da inculcação ideológica», *Aprender – Revista da Escola Superior de Educação de Portalegre*, 31. Portalegre: Janeiro, pp. 84-93.